

Carta aos Operários da Europa e da América

**Vladimir Ilitch Lênine
1919**

21 de Janeiro de 1919

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lênine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t.4, pp 156-163
Traduzido das Obras Completas de V.I. Lênine
5ªEd. russo t.37, pp. 454-462

Camaradas! No final da minha carta aos operários americanos, de 20 de Agosto de 1918¹, escrevi que nos encontramos numa fortaleza sitiada enquanto os outros exércitos da revolução socialista mundial não vierem em nossa ajuda. Os operários rompem com os seus sociais-traidores, os Gompers e os Renner, acrescentava eu. Os operários aproximam-se lenta mas firmemente da tática comunista e bolchevique.

Passaram-se menos de 5 meses desde que essas palavras foram escritas, e deve dizer-se que durante esse tempo foi extremamente rápido o amadurecimento da revolução proletária mundial, em consequência da passagem dos operários de diversos países para o comunismo e o bolchevismo.

Então, em 20 de Agosto de 1918, só o nosso partido, o partido bolchevique, rompera resolutamente com a velha Internacional, a II Internacional de 1889-1914, que faliu tão vergonhosamente durante a guerra imperialista de 1914-1918. Só o nosso partido tinha passado inteiramente para uma nova via, do socialismo e do social-democratismo desonrados pela aliança com a burguesia espoliadora para o comunismo, do reformismo e do oportunismo pequeno-burguês, que impregnavam e impregnam inteiramente os partidos sociais-democratas e socialistas oficiais, para uma tática verdadeiramente proletária, revolucionária.

Agora, em 12 de Janeiro de 1919, vemos já toda uma série de partidos proletários comunistas, não apenas nos limites do antigo império do tsar, por exemplo na Letónia, na Finlândia, na Polónia, mas também na Europa Ocidental, na Áustria, na Hungria, na Holanda, finalmente na Alemanha. Quando a «Liga Spartakus» alemã, com dirigentes tão conhecidos mundialmente e tão famosos mundialmente, com tão fiéis partidários da classe operária como Liebknecht, Rosa Luxemburg, Clara Zetkin, Franz Mehring, rompeu definitivamente a sua ligação com os socialistas do género de Scheidemann e Südekum, com esses sociais-chauvinistas (socialistas em palavras e chauvinistas de facto), que se desonraram para sempre pela aliança com a burguesia imperialista e espoliadora da Alemanha e com Guilherme II, quando a «Liga Spartakus» se intitulou «Partido Comunista da Alemanha», então a **fundação** da III Internacional, da **Internacional Comunista**, realmente proletária, realmente internacionalista, realmente revolucionária, tornou-se um **facto**. Formalmente essa fundação ainda não está consagrada, mas de facto a III Internacional já existe.

Agora todos os operários conscientes, todos os socialistas sinceros, não podem já deixar de ver que vil traição ao socialismo cometeram aqueles que, a exemplo dos mencheviques e dos «socialistas-revolucionários» na Rússia, a exemplo dos Scheidemann e dos Südekum na Alemanha, a exemplo dos Renaudel e dos Vandervelde em França, dos Henderson e dos Webb na Inglaterra, dos Gompers e C^a na América, apoiaram a «sua» burguesia na guerra de 1914-1918. Essa guerra desmascarou-se inteiramente como uma guerra imperialista, reaccionária, de pilhagem, tanto por parte da Alemanha como por parte dos capitalistas da Inglaterra, França, Itália, América, que começam agora a brigar pela partilha do saque, pela partilha da Turquia, da Rússia, das colónias africanas e polinésias, dos Balcãs, etc. As frases hipócritas de Wilson e dos «wilsonistas» sobre a «democracia» e a «união dos povos» desmascaram-se com espantosa rapidez quando vemos a conquista da margem esquerda do Reno pela burguesia francesa, a conquista da Turquia (Síria, Mesopotâmia) e de uma parte da Rússia (Sibéria, Arkhánguelsk, Baku, Krasnovodsk, Achkhabad, etc.) pelos capitalistas franceses, ingleses e americanos, quando vemos a crescente hostilidade provocada pela partilha do saque entre a Itália e a França, entre a França e a Inglaterra, entre a Inglaterra e a América, entre a América e o Japão.

E a par desses «socialistas» cobardes, indecisos, inteiramente imbuídos dos preconceitos da democracia burguesa, desses «socialistas» que ontem defendiam os «seus» governos imperialistas e hoje se limitam a «protestos» platónicos contra a intervenção militar na Rússia, a par deles aumenta

1 Ver V. I. Lénine, Obras Escolhidas em três tomos, Edições«Avante!»-Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1978, t. 2, pp. 669-679. (N. Ed.)

nos países da Entente² o número dos homens que seguem pela via comunista, a via de MacLean. Debs, Lorient, Lazzari, Serrati, daqueles homens que compreenderam que só o derrubamento da burguesia, a destruição dos parlamentos burgueses, só o poder soviético e a ditadura do proletariado são capazes de esmagar o imperialismo, de assegurar a vitória do socialismo, de assegurar uma paz durável.

Então, em 20 de Agosto de 1918, a revolução proletária limitava-se à Rússia, e o «poder soviético», ou seja, a pertença de **todo** o poder do Estado aos soviets de deputados operários, soldados e camponeses, parecia ainda (e era de facto) apenas uma instituição russa.

Agora, em 12 de Janeiro de 1919, vemos um poderoso movimento «soviético» não apenas em partes do antigo império do tsar, por exemplo na Letónia, na Polónia, na Ucrânia, mas também em países europeus ocidentais, em países neutros (Suíça, Holanda, Noruega) e nos que sofreram com a guerra (Áustria, Alemanha). A revolução na Alemanha - que é particularmente importante e característica com um dos países capitalistas mais avançados - assumiu imediatamente formas «soviéticas». Todo o curso do desenvolvimento da revolução alemã e principalmente a luta dos «spartakistas», isto é, dos verdadeiros e únicos representantes do proletariado, contra a aliança dos canalhas traidores, dos Scheidemann e Südekum, com a burguesia, tudo isso mostra claramente como é **colocada** a questão pela história no que se refere à Alemanha:

«Poder soviético» ou parlamento burguês, sejam quais forem os rótulos sob os quais este se apresente (Assembleia «Nacional ou «Constituinte»).

Assim se coloca a questão no plano **histórico-mundial**. Agora pode-se e deve-se dizê-lo sem qualquer exagero.

O «poder soviético» é, no plano histórico-mundial, o segundo passo ou etapa do desenvolvimento da ditadura do proletariado. O primeiro passo foi a Comuna de Paris. A genial análise do conteúdo e da importância dessa Comuna, feita por Marx na sua *A Guerra Civil em França*, mostrou que a Comuna criou um **novo tipo** de Estado, o **Estado proletário**. Todo o Estado, incluindo a república mais democrática, não é outra coisa senão uma máquina para a opressão de uma classe por uma outra. O Estado proletário é uma máquina para a repressão da burguesia pelo proletariado; e essa repressão é necessária em consequência da resistência encarniçada, desesperada, que se não detém perante nada, oferecida pelos latifundiários e capitalistas, por toda a burguesia e por todos os seus acólitos, por todos os exploradores, quando começa o seu derrubamento, quando começa a expropriação dos expropriadores.

O parlamento burguês, mesmo o mais democrático na república mais democrática, na qual se mantém a propriedade dos capitalistas e o seu poder, é uma máquina para a repressão de milhões de trabalhadores por um punhado de exploradores. Os socialistas, os combatentes pela libertação dos trabalhadores da exploração, deviam utilizar os parlamentos burgueses como uma tribuna, como uma das bases para a propaganda, a agitação, a organização, **enquanto a nossa luta se limitava ao quadro do regime burguês**. Agora, quando a história mundial colocou na ordem do dia a questão da destruição de todo esse regime, do derrubamento e da repressão dos exploradores, da passagem do capitalismo ao socialismo, agora limitar-se ao parlamentarismo burguês, à democracia burguesa, enfeitá-la com o nome de «democracia» em geral, esbater o seu carácter **burguês**, esquecer que o sufrágio universal, enquanto se mantiver a propriedade dos capitalistas, é um dos instrumentos do

2 Entente: bloco de potências imperialistas (Inglaterra, França e Rússia) que se formou definitivamente em 1907. O bloco deve a sua designação ao acordo anglo-francês concluído em 1904, a Entente Cordiale. Durante a Primeira Guerra Mundial, aderiram à Entente os EUA, a Itália, o Japão e outros países. Depois da Revolução Socialista de Outubro, os principais participantes nesse bloco - Inglaterra, França, EUA e Japão - foram os organizadores e participantes da intervenção armada contra a Rússia soviética. O fracasso da intervenção anti-soviética e a agudização das contradições entre os países da Entente conduziram à sua desagregação.

Estado burguês - é trair vergonhosamente o proletariado, é passar para o lado do seu inimigo de classe, a burguesia, é ser um traidor e um renegado.

As três orientações no socialismo mundial, das quais a imprensa bolchevique fala incessantemente desde 1915, apresentam-se-nos hoje, à luz da luta sangrenta e da guerra civil na Alemanha, com particular clareza.

Karl Liebknecht é um nome conhecido dos operários de todos os países. Por toda a parte, e particularmente nos países da Entente, este nome é o símbolo da dedicação de um dirigente aos interesses do proletariado, de fidelidade à revolução socialista. Este nome é símbolo de uma luta realmente sincera, realmente abnegada, de uma luta implacável contra o capitalismo. Este nome é o símbolo de uma luta intransigente contra o imperialismo não em palavras mas em actos, de uma luta abnegada precisamente quando o «seu» país está embriagado pelas vitórias imperialistas. Ao lado de Liebknecht e dos «spartakistas» está tudo quanto resta de honesto e de realmente revolucionário entre os socialistas da Alemanha, tudo o que há de melhor e de mais convicto no proletariado, todas as massas exploradas nas quais ferve a indignação e cresce a disposição para a revolução.

Contra Liebknecht estão os Scheidemann, os Südekum e todo esse bando de desprezíveis lacaios do Kaiser e da burguesia. Eles são tão traidores ao socialismo como os Gompers e os Victor Berger, os Henderson e Webb, os Renaudel e os Vandervelde. Essa é a pequena camada superior de operários subornados pela burguesia, aos quais nós, bolcheviques, chamámos (dirigindo esse nome aos Südekum russos, os mencheviques) «agentes da burguesia no movimento operário» e que os melhores socialistas da América baptizaram com uma expressão excelente pela sua expressividade e a sua profunda justeza: «*labor lieutenants of the capitalist class*», «lugar-tenentes operários da classe capitalista». São **o tipo moderno**, «*moderne*», da traição socialista, pois em todos os países civilizados, avançados, a burguesia rouba - através da opressão colonial ou através da extracção financeira de «vantagens» aos povos fracos formalmente independentes -, rouba uma população que ultrapassa muitas vezes a população do «seu próprio» país. Daí a possibilidade económica de «superlucros» para a burguesia imperialista e da utilização de uma parte desses superlucros para subornar uma determinada camada superior do proletariado, para a transformar numa pequena burguesia reformista, oportunista, que teme a revolução.

Entre os spartakistas e os scheidemanistas estão os vacilantes, irresolutos «kautskistas, os correligionários de Kautsky, em palavras «independentes», de facto dependentes, inteiramente e em toda a linha, hoje da burguesia e dos scheidemanistas, amanhã dos spartakistas, seguindo em parte os primeiros, em parte os segundos, homens sem ideias, sem carácter, sem política, sem honra, sem consciência, personificação viva da confusão dos filisteus, que em palavras são a favor da revolução socialista mas de facto são incapazes de compreendê-la quando ela começou e defendem como renegados a «democracia» em geral, ou seja, defendem **de facto** a democracia **burguesa**.

Em cada país capitalista qualquer operário que pense reconhecerá, numa situação modificada segundo as condições nacionais e históricas, precisamente estas três orientações fundamentais entre os socialistas e entre os sindicalistas, pois a guerra imperialista e o início da revolução proletária mundial geram em todo o mundo correntes ideológico-políticas idênticas.

* * *

As linhas precedentes foram escritas antes do selvático e vil assassinio de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg pelo governo de Ebert e Scheidemann. Estes carrascos, que rastejam diante da burguesia, permitiram aos guardas brancos alemães, aos cães de guarda da sagrada propriedade capitalista, que linchassem Rosa Luxemburg, assassinassem Karl Liebknecht com um tiro pelas costas, sob o pretexto manifestamente falso da sua «fuga» (o tsarismo russo, ao afogar em sangue a revolução de 1905, recorreu muitas vezes a assassinios semelhantes com o mesmo falso pretexto de «fuga» dos presos), e ao mesmo tempo esses carrascos cobriram os guardas brancos com a autoridade do governo pretensamente inocente, pretensamente colocado acima das classes! Não há palavras para exprimir toda a infâmia e baixeza dessa acção de carrascos, cometida por pretensos socialistas. Evidentemente, a história escolheu uma via na qual o papel dos «lugar-tenentes operários da classe capitalista» deve ser levado ao «limite extremo» da crueldade, da baixeza e da infâmia. Que os tontos kautskistas falem no seu jornal *Freiheit*³ de um «tribunal» composto por representantes de «todos» os partidos «socialistas» (essas almas de lacaios continuam a chamar socialistas aos Scheidemann)! Esses heróis da estupidez filistina e da cobardia pequeno-burguesa não compreendem sequer que um tribunal é um órgão do poder de Estado e que a luta e a guerra civil na Alemanha têm lugar precisamente para decidir em que mãos ficará este poder: nas mãos da burguesia, que será «servida» pelos Scheidemann como carrascos e pogromistas, pelos Kautsky como apologistas da «democracia pura», ou nas mãos do proletariado, que derrubará os exploradores capitalistas e esmagará a sua resistência.

O sangue dos melhores homens da Internacional operária mundial, dos chefes inesquecíveis da revolução socialista mundial, temperará massas sempre novas de operários para uma luta de vida ou de morte. E essa luta conduzirá à vitória. Nós vivemos na Rússia, no Verão de 1917, os «dias de Julho»⁴, quando os Scheidemann russos, os mencheviques e socialistas-revolucionários também cobriram com a «autoridade do Estado» a «vitória» dos guardas brancos sobre os bolcheviques, quando nas ruas de Petrogrado os cossacos lincharam o operário Vóinov por distribuir apelos bolcheviques⁵. Nós sabemos por experiência com que rapidez essas «vitórias» da burguesia e dos seus lacaios curam as massas das suas ilusões sobre a democracia burguesa, sobre o «sufrágio universal» e assim por diante.

* * *

3 Die Freiheit (A Liberdade): jornal diário, órgão do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha, centrista; publicou-se em Berlim de 1918 a 1922.

4 Lênine refere-se aos acontecimentos de 3-5 (16-18) de Julho de 1917, que foram expressão da profundíssima crise política no país. O malogro da ofensiva das tropas russas na frente, lançada por Kérenski em 18 de Junho (1 de Julho), os novos sacrifícios, o aumento do desemprego, a crescente carestia e a grave escassez de alimentos provocaram entre as amplas massas dos operários e soldados uma explosão de indignação pela política contra-revolucionária do Governo Provisório. Em 3 (16) de julho começaram manifestações espontâneas, que ameaçavam transformar-se em insurreição armada contra o Governo Provisório. O partido dos bolcheviques era nesse momento contra a insurreição amada, porque considerava que a crise revolucionária ainda não tinha amadurecido, que o exército e a província não estavam prontos para apoiar a insurreição na capital. Contudo, verificou-se que era já impossível deter a insurreição, e o Comité Central decidiu participar na manifestação de 4 (17) de Julho a fim de lhe dar um carácter pacífico e organizado. Na manifestação de 4 (17) de Julho participaram mais de 500 000 pessoas. A manifestação decorreu sob a palavra de ordem dos bolcheviques: «Todo o Poder aos Sovietes!». Contudo, os dirigentes mencheviques e socialistas-revolucionários dos soviets recusaram-se a tomar o poder. O Governo Provisório decidiu reprimir a manifestação, lançando as tropas contra os manifestantes pacíficos. Numa conferência dos membros do Comité Central e do Comité de Petrogrado do partido, realizada na noite de 4 (17) para 5 (18) de Julho, foi tomada uma decisão sobre a interrupção organizada da manifestação. Esta foi uma medida acertada do partido bolchevique, que soube recuar a tempo e preservar da derrota as forças fundamentais da revolução. Depois destes acontecimentos, o poder no país passou inteiramente para as mãos do Governo Provisório contra-revolucionário. Os mencheviques e socialistas-revolucionários mostraram-se de facto participantes e cúmplices da repressão contra-revolucionária.

5 Lênine refere-se ao brutal assassinio do correspondente e operário da tipografia do *Pravda*, o bolchevique I. A. Vóinov, em 6 (19) de Julho de 1917. Depois da destruição da redacção do jornal *Pravda* em Petrogrado, Vóinov participou na publicação do *Listok Pravdi* durante os acontecimentos de Julho e foi assassinado quando procedia à distribuição do *Listok*.

Entre a burguesia e os governos da Entente observam-se presentemente algumas vacilações. Uma parte vê que a desmoralização das tropas aliadas na Rússia, que ajudam os guardas brancos, que servem a mais negra reacção monárquica e latifundista, já está a começar, que a continuação da intervenção militar e as tentativas de vencer a Rússia que exigem a manutenção de um exército de Ocupação de milhões de homens por um longo período, que essa via é a via mais segura para a mais rápida transferência da revolução proletária para os países da Entente. O exemplo das tropas alemãs de ocupação na Ucrânia é bastante convincente.

Uma outra parte da burguesia dos países da Entente continua a defender a intervenção militar na Rússia, o «cerco económico» (Clemenceau) e o estrangulamento da república soviética. Toda a imprensa ao serviço dessa burguesia, ou seja, a maioria dos jornais diários da Inglaterra e da França, subornados pelos capitalistas, profetiza a breve falência do poder soviético, pinta os horrores da fome na Rússia, mente acerca das «desordens» e da «fragilidade» do governo soviético. As tropas dos guardas brancos, dos latifundiários e capitalistas, que são ajudadas pela Entente com oficiais, com munições, com dinheiro, com destacamentos auxiliares, essas tropas separam o Centro e o Norte esfomeados da Rússia das regiões mais férteis, da Sibéria e do Don.

Os sofrimentos dos operários famintos em Petrogrado e Moscovo, em Ivánovo-Voznessensk e noutros centros operários são na verdade grandes. Nunca as massas operárias suportariam tais sofrimentos, tais tormentos da fome, a que as condena a intervenção da Entente (intervenção frequentemente disfarçada com promessas hipócritas de não enviar as «suas» tropas, enquanto continua a enviar tropas «negras», também munições, dinheiro, oficiais), as massas não suportariam tal sofrimentos se os operários não compreendessem que defendem a causa do socialismo na Rússia e em todo o mundo.

As tropas «aliadas» e dos guardas brancos detêm Arkhánguelsk, Perm, Orenburg, Rostov-do-Don, Baku, Achkhabad, mas o «movimento soviético» conquistou Riga e Khárkov. A Letónia e a Ucrânia tornam-se repúblicas soviéticas. Os operários vêem que os seus grandes sacrifícios não são feitos em vão, que a vitória do poder soviético avança e se alarga, cresce e se reforça em todo o mundo. Cada mês de dura luta e de grandes sacrifícios reforça a causa do poder soviético em todo o mundo, enfraquece os seus inimigos, os exploradores.

Os exploradores têm ainda força bastante nas suas mãos para assassinar e linchar os melhores chefes da revolução proletária mundial, para aumentar os sacrifícios e os tormentos dos operários nos países e regiões ocupados ou conquistados. Mas os exploradores de todo o mundo não têm forças suficientes para impedir a vitória da revolução proletária mundial, portadora da libertação da humanidade do jugo do capital, da eterna ameaça de novas guerras imperialistas, inevitáveis no capitalismo.